

# REFLEXÕES SOBRE A MODIFICAÇÃO ADJETIVAL PRIVATIVA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dedilene Alves de JESUS<sup>1</sup>  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**RESUMO:** *É objetivo deste artigo apresentar algumas reflexões acerca das construções privativas modificadas em língua portuguesa, a partir da abordagem de Lakoff (1987) sobre affordances, das questões apresentadas por Lakoff e Johnson (2002) a respeito das propriedades interacionais dos objetos e de outros estudos que colaboram para a concepção desse fenômeno como originário de processos básicos de categorização.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Adjetivo privativo; Affordance; Mesclagem conceptual.*

## INTRODUÇÃO

A modificação adjetival privativa tem sido objeto de estudo em alguns trabalhos na língua inglesa, principalmente na perspectiva da Linguística Cognitiva (SWEETSER, 1999; COULSON, 2001; FAUCONNIER e TURNER, 2002), mas em língua portuguesa temos ainda poucos estudos a respeito do fenômeno. Como a estrutura da língua inglesa difere muito na questão dos adjetivos em relação à língua portuguesa – em inglês, os adjetivos são marcadamente antepostos, enquanto em português a posição pode ser livre ou fixa, dependendo do tipo de adjetivo –, percebemos a necessidade de apresentarmos algumas reflexões acerca da construção adjetival privativa a partir de itens usualmente presentes na língua em questão.

Para tal objetivo, elencamos três construções (‘arma falsa’, ‘mãe postiça’ e ‘suposto amigo’), no empenho de apresentar algumas reflexões a respeito da abordagem teórica sobre *affordances*, elemento relevante na análise por mesclagem conceptual, na perspectiva apresentada por Gibson (1979), criador do termo, nas ressalvas de Lakoff (1987) e nas convergências em Lakoff e Johnson (2002), quando apresentam a conceitualização das propriedades interacionais e seu funcionamento nas construções.

## 1. MODIFICAÇÃO ADJETIVAL

A modificação adjetival implica um tipo de predicação, em que temos a operação exercida por um modificador sobre um outro elemento, transferindo a ele propriedades semânticas que antes não lhe eram disponíveis. Nesse processo, pode ocorrer um desses tipos de transferência para o elemento modificado: a que afeta a intensão, a que afeta a extensão e a que afeta a modalidade (CASTILHO, 2010).

Consideramos aqui a intensionalidade em oposição à extensionalidade, entendendo o primeiro termo como a propriedade dos adjetivos que apontam para objetos fisicamente inexistentes, ou seja, que predicam das propriedades expressas pelo nome-núcleo, e o segundo termo como a propriedade dos adjetivos que predicam dos objetos denotados pelo nome-núcleo (NEGRÃO *et al*, 2002). Assim, a modificação adjetival tratada neste trabalho é de caráter intensional, uma vez que a denotação nome-núcleo é substituída por alterações de propriedades que projetam uma negação ou um questionamento da existência de todas as propriedades inerentes ao escopo: ‘mãe postiça’ não é uma mãe verdadeira, mas assume algumas propriedades

---

<sup>1</sup> Doutorado UFRJ/CAPES – Mestre em Língua Portuguesa.

## Reflexões sobre a modificação adjetival privativa em língua portuguesa

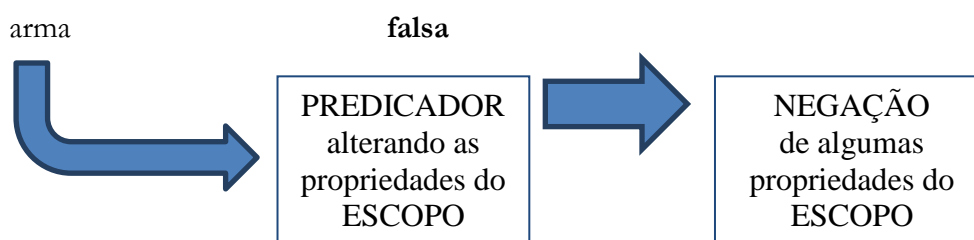
de ‘mãe’; ‘suposto amigo’ põe em questão o vínculo de amizade, então ‘amigo’ é questionável; ‘arma falsa’ não é uma arma de verdade, mas um simulacro.

### 2. A MODIFICAÇÃO ADJETIVAL PRIVATIVA

Franks (1995) trata a modificação adjetival privativa como um tipo de combinação conceptual, a partir da própria noção de conceito (que perfila a representação, a classificação e a linguagem). Para ele, em expressões como *stonelion* temos um conceito implicitamente vinculado, que atua porque há atributos *default* de *lion* que propiciam uma instanciação dentro da cena comunicativa, dando suporte à especificação de sentido: *lion* pode se referir a um animal, a uma estátua, a um brinquedo, etc., dependendo do contexto em que tal uso ocorre.

O estudo da modificação adjetival privativa teve seu início na análise de Kamp (1975) a respeito da semântica dos adjetivos. Baseados nele, consideramos como modificação adjetival privativa o tipo de construção em que há um predicador e um elemento modificado intensionalmente, em uma relação de propriedades para propriedades (negação ou questionamento).

Basicamente, observamos esse processo no exemplo a seguir:



No esquema apresentado, observamos que o predicador ‘falsa’ altera as propriedades do escopo ‘arma’, gerando a negação de algumas propriedades do escopo, mas não de todas, pois se assim o fosse, não haveria sentido utilizarmos ‘arma’ como escopo. No caso apresentado, o modificador nega completamente algumas dessas propriedades, tratadas por nós como *affordances*. A seguir, detalharemos os conceitos dessas propriedades, apresentando as posturas de Gibson (1979), Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (2002) acerca do termo.

### 3. AFFORDANCE

O conceito de *affordance* não é específico da área linguística. Tem sido utilizado em várias áreas: Psicologia Ambiental/Teoria da Percepção e Ação – Gibson (1979/1986), Van Lier (1998), Gifford (1997); Multilinguismo (teorias da aprendizagem/ aquisição e uso) – Aronin e Singleton (2012); Ciência da computação (interação homem-máquina) – Hartson (2003); Design interacional – Norman (1988). Essas são algumas áreas em que se tem espreado tal termo, com os refinamentos típicos da abordagem de acordo com o objeto de estudo trabalhado por cada uma delas.

Na área linguística, principalmente de base cognitivista, vemos tal termo abordado primeiramente por Lakoff (1987), seguido de Sweetser (1999) e, recentemente, Attardo (2005), que apresenta o que foi denominado por ele como ‘teoria linguística da *affordance*’. O que nos interessa é o fato de que o refinamento da conceituação de *affordance* para a área linguística tem

**Dedilene Alves de Jesus**

servido como suporte para a análise detalhada da modificação adjetival privativa na perspectiva da Linguística Cognitiva.

O termo *affordance* foi cunhado por Gibson (1979), na abordagem ecológica sobre a percepção visual, como uma variação do verbo *to afford* (oferecer, dispor, proporcionar). As *affordances* seriam propriedades invariantes do ambiente oferecidas a uma espécie, o que é provido ou fornecido a essa espécie em seu ambiente, sendo tanto benéfico quanto prejudicial. Assim, a superfície terrestre possui propriedades que proveem aos animais formas de se fazer uso dela: é horizontal, rígida, tem uma extensão e suporta peso; ela é ‘pisável’ e ‘corrível’. Essas propriedades não são abstratas e atendem às necessidades do animal.

Para exemplificar, temos o seguinte:



Na figura apresentada, temos uma arma falsa apreendida pela polícia. O que configura a falsidade da arma são alguns aspectos ausentes no objeto, ou seja, há *affordances* (propriedades inerentes ao objeto) negadas: a função de atirar, a munição e o gatilho. Notamos que a configuração de *affordance* nem sempre diz respeito a uma propriedade concreta, mas também pode se referir a uma função do objeto, à finalidade dele. Essa perspectiva funcional nos levou a observar a convergência de tal termo com o que Lakoff e Johnson (2002) denominaram como propriedades interacionais.

#### **4. PROPRIEDADES INTERACIONAIS**

O termo ‘propriedades interacionais’ foi utilizado primeiramente por Lakoff e Johnson (2002) como “conceitos definidores emergentes das nossas interações com os outros e com o mundo” (p. 210). Tal conceito está intimamente relacionado com o processo de categorização.

As propriedades interacionais implicam uma gama de caracterizações de um determinado objeto, que podem ser consideradas em algumas dimensões: perceptual, motora, intencional, funcional, etc. Essas dimensões são responsáveis pela determinação de semelhanças de família nos processos de categorização; não são propriedades em si dos objetos, mas categorizadas segundo o agir humano, a experiência humana em dada cultura, por isso não são fixas.

Os autores exemplificam a identificação de tais propriedades a partir da oposição subjetivismo x objetivismo. Na análise objetivista, teríamos o seguinte:

## Reflexões sobre a modificação adjetival privativa em língua portuguesa

- Isto é uma arma preta.  
Então, isto é uma arma.
- Isto é uma arma falsa.  
Então, isto não é uma arma.  
Então, isto não é uma girafa.  
Então, isto não é uma vasilha com macarrão com broto de bambu.  
E assim por diante...

Para uma análise subjetivista, teríamos o que é demonstrado no exemplo seguinte:

### ARMA FALSA

FALSA preserva:

- Propriedades perceptuais (uma arma falsa se parece com uma arma)
- Propriedades motoras (pode ser manuseada como uma arma)
- Propriedades intencionais (serve a alguns propósitos de uma arma)

FALSA nega:

- Propriedades funcionais (uma arma falsa não serve para atirar)
- História funcional (se fosse feita para ser uma arma real, então não seria falsa)

O exemplo de análise subjetivista apresenta as seguintes implicações:

- (a) A contextualização é genérica, baseada no conhecimento de mundo a respeito do objeto 'arma'.
- (b) Não há contexto discursivo,
- (c) Por falta de contexto discursivo, não temos noção das diferentes propriedades que possam ser negadas.

Na prática, tais implicações podem ser corroboradas nos exemplos dados:

(01) “E a **Popozuda falsa**, porque a bunda é puro silicone também é uma tremenda falsa!!!!”  
(<http://br.answers.yahoo.com/question/>)

(02) “Enquanto se bronzeava, a **falsa Popozuda** - em seguida identificada como a funkeira Maysa Abusada - fez uma "farofinha" com os amigos, com direito a peixe e batata frita.”  
(<http://ego.globo.com/praiia/noticia/2012/10/1/>)

Nos casos (01) e (02), percebemos a negação de propriedades do nome, mas há perspectivas diferenciadas: enquanto em ‘Popozuda falsa’ é negada a naturalidade de parte do corpo da famosa (glúteos), em ‘falsa Popozuda’ é negada a identidade da famosa. Essa distinção na perspectiva da *affordance* negada só é perceptível quando temos um contexto discursivo, que apresenta itens em que tais construções privativas se ancoram. No caso de [1a], a ancoragem é feita nos itens ‘bunda’ e ‘puro silicone’, que afirmam a negação de glúteos verdadeiros; em [1b], o sintagma ‘a funkeira Maysa Abusada’ projeta uma outra identidade, diferente de ValescaPopozuda, fazendo com que a ancoragem seja fixada na negação de pessoa citada.

Tais exemplos nos fornecem subsídios para afirmarmos que a análise subjetivista é a mais adequada para as construções privativas, complementada pela inserção do contexto discursivo do qual emergem essas construções. O que buscamos a seguir é o entrosamento da visão lakoffiana sobre *affordances* com a visão gibsoniana.

Dedilene Alves de Jesus

## 5. A VISÃO LAKOFFIANA SOBRE AFFORDANCES: RESSALVAS

Lakoff (1987) assume que há entrosamento entre as propriedades interacionais e a teoria das *affordances* de Gibson (1979), sendo que parte da teoria gibsoniana torna-se fundamental para a abordagem experiencialista.

A leitura lakoffiana sobre *affordances* é de que seriam oportunidades de interação proporcionadas pelo ambiente. Apesar dessa convergência, o linguista aponta algumas ressalvas entre a teoria gibsoniana e a sua abordagem:

- (a) O conceito de percepção da psicologia gibsoniana não se estende à cognição.
- (b) A *affordance* é invariante, isto é, se apresenta sempre da mesma forma para ser percebida, o mesmo para todas as pessoas, apontando para um universo objetivista.
- (c) O ambiente gibsoniano não é do tipo ‘mundo experienciado’, necessário para análise da categorização. Da mesma forma, a teoria de Gibson lida somente com fenômenos individuais e não categorias de fenômenos.
- (d) Assim, categorias humanas não são invariantes, consistentes, o que contraria o ambiente gibsoniano.

Apesar das ressalvas lakoffianas, compreendemos que as revisões sofridas pelo conceito de *affordance* em outras áreas do conhecimento (NORMAN, 1988; VAN LIER, 1998, 2000) desfizeram muitas das distinções percebidas inicialmente. Norman (1988) demonstra o caráter experiencial da *affordance*, ao apresentar o termo ‘*affordance* percebida’ – aquela que é notada a partir da compreensão do indivíduo e de sua vivência com tal objeto, portanto passível de variações segundo o conhecimento de mundo; Van Lier (1998, 2000) aponta a interação como elemento fundamental na compreensão das *affordances*.

Enfim, a teoria seminal de Gibson (1979) acerca das *affordances* também sofreu alterações, refinamentos, ao longo do tempo e hoje pode se adequar aos estudos linguísticos, tendo uma similaridade muito mais nítida com as propriedades interacionais de cunho lakoffiano.

## 6. ‘ARMA FALSA’, ‘SUPOSTO AMIGO’ E ‘MÃE POSTIÇA’: ANÁLISE

As construções analisadas neste trabalho foram retiradas de textos da internet a partir da ferramenta de buscas Google. Elas fazem parte de um estudo maior sobre a modificação adjetival privativa e serão utilizadas aqui para demonstrar como esse tipo de modificação ocorre em termos cognitivistas.

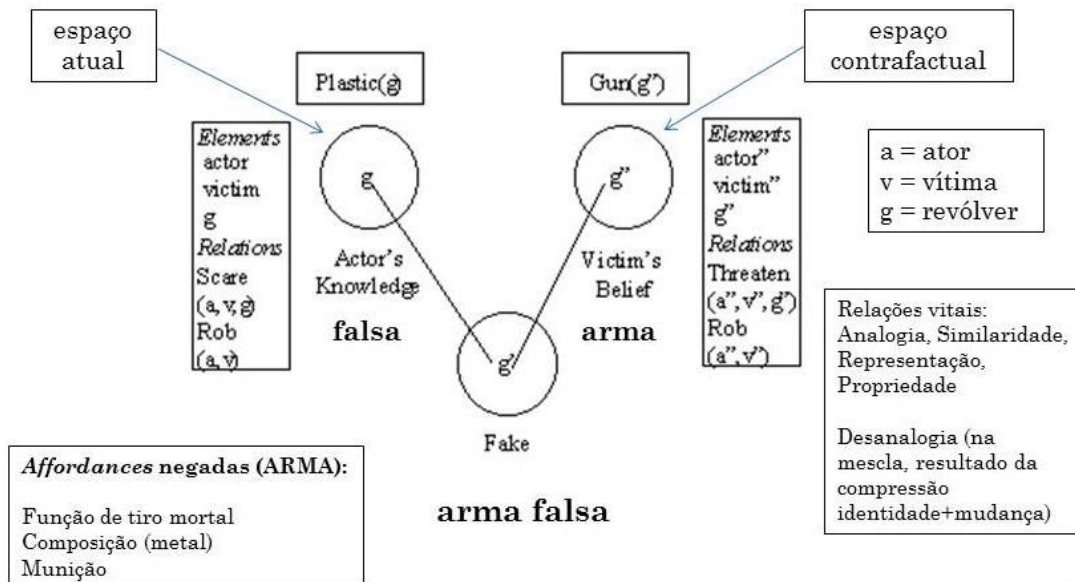
Os esquemas apresentados aqui foram aproveitados dos exemplos em língua inglesa para ‘stonelion’/‘leão de pedra’ e ‘fakegun’/‘revólver falso’ (COULSON E FAUCONNIER, 1999), além de ‘likely candidate’/‘provável candidato’ (SWEETSER, 1999).

A seguir, apresentamos os esquemas das construções ‘arma falsa’, ‘suposto amigo’, e ‘mãe postiça’, em suas respectivas análises pela mesclagem conceptual, com destaque para as *affordances* alteradas.

## Reflexões sobre a modificação adjetival privativa em língua portuguesa

### Arma falsa

“Rapaz tenta roubar sorveteria com **arma falsa**, mas é detido por PM”  
(<http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2015/08>)



No esquema, temos o espaço contrafactual de crenças da vítima, que no caso é o funcionário da sorveteria, e o espaço atual de conhecimento do ator, o assaltante. Os elementos do *input* do espaço atual implicam o ator, a vítima e relações de medo e assalto; no espaço contrafactual, temos os elementos ator, vítima e as relações de ameaça e assalto.

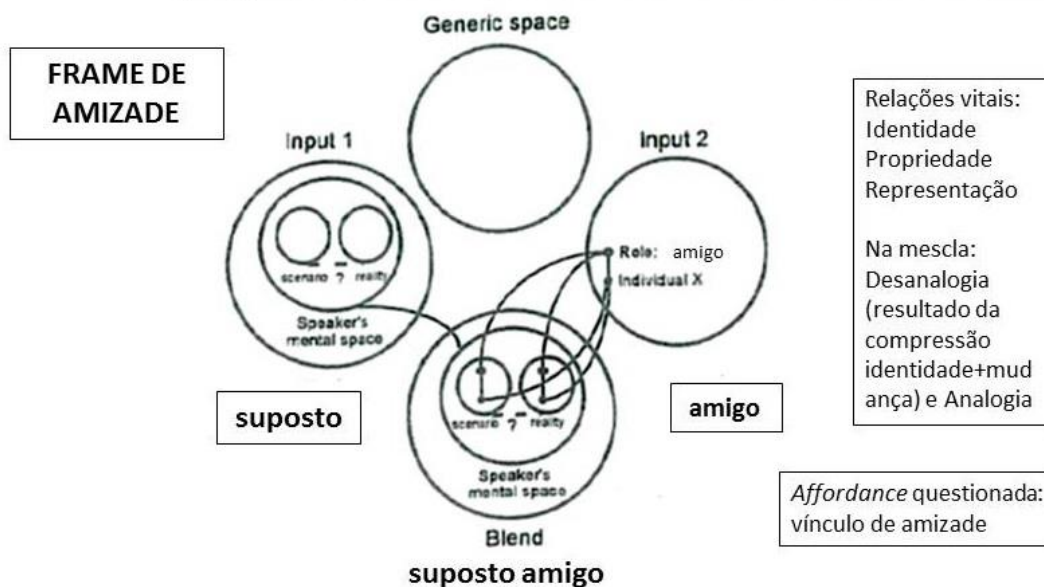
As *affordances* negadas (função de tiro, composição de metal e munição) são relevadas pelo contexto discursivo, marcado pela circunstância do assalto à sorveteria. O frame criado por esse contexto é o de crime, em que há prisão após tentativa de assalto. Nas relações vitais elencadas, temos a compressão na analogia, similaridade, representação, propriedade quando percebemos a proximidade entre o objeto utilizado no assalto e um revólver verdadeiro, e desanalogia quando observamos as diferenças entre o objeto utilizado e o real. Essa desanalogia resulta da comparação entre os objetos a partir do conhecimento de mundo que temos, enfocando os aspectos identitários e de mudança.



Suposto amigo

“Jovem sitiante sai para dormir em casa de **suposto amigo** e desaparece”

(<http://www.rotapolicialnews.com.br/2014/05/12/>)



Esquema parcial de mesclagem conceptual (SWEETSER, 1999, p. 152)

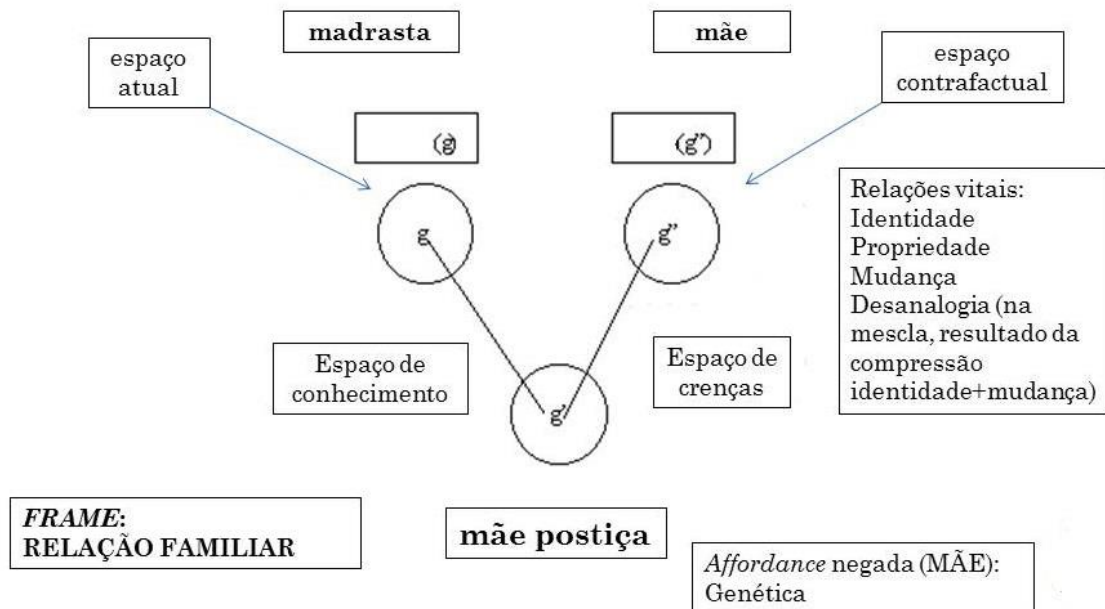
Nesse caso, estamos lidando com um esquema de mesclagem um pouco diferente: no espaço-mescla temos a sobreposição de papéis e cenários; o espaço mental que emerge na mescla é o do falante e os cenários de realidade e não-realidade coexistem nesse espaço, já que o que é suposto não possui grau de certeza. Por causa desse tipo de relação, ocorre tanto a desanalogia (o ‘amigo’ pode não ser amigo) quanto a analogia (o ‘amigo’ pode ser mesmo amigo). Dizemos, então, que a *affordance* de ‘vínculo de amizade’ é questionada, gerando uma limiaridade entre o verdadeiro e o falso.

Notamos que a *affordance* nesse exemplo tem um caráter abstrato, por causa do escopo ‘amigo’, que dentro do *frame* de amizade gera propriedades menos concretas. Há ainda a manutenção das relações vitais de identidade, propriedade e representação.

## Reflexões sobre a modificação adjetival privativa em língua portuguesa

### Mãe postiça

“(…) cabe à mulher novos papéis, de **mãe postiça** e educadora, quer ela queira ou não.” (<http://www.bolsademulher.com/familia/mae-postica-1/>)



Em ‘mãe postiça’, temos *frame* de relação familiar; no esquema; os *inputs* se contrapõem da seguinte forma: mãe – afeto/genitora/filho e madrasta/enteado/não-genitora, que resultam em uma função afetiva exercida pela madrasta. Assim, a *affordance* negada (genética) reforça a desanalogia gerada pela compressão identidade+mudança; ‘mãe postiça’ não guarda identidade nem propriedade física da mãe verdadeira, mas a função que exerce pode ser substitutiva à da mãe real.

Também observamos a presença do espaço atual (espaço de conhecimento) e espaço contrafactual (espaço de crenças), que se mesclam para gerar a construção. No primeiro, temos a presença do item ‘madrasta’, uma vez que a mulher não tem relação genética com os filhos; na contrafactualidade, temos o item ‘mãe’ na inferência da função exercida pela madrasta. Assim, o item ‘postiça’ emerge a partir da relação de ‘madrasta’ com ‘mãe’.

### CONCLUSÃO

Nas construções analisadas, observamos o que já havia sido constatado por Coulson (2001): para uma análise minuciosa dessas construções, a checagem de *frames* e a mesclagem conceptual são, no momento, os processos mais eficazes.

Não podemos desconsiderar, no entanto, a identificação das *affordances* nesse processo, também compreendida como a relação das propriedades interacionais, item sumário para a compreensão dos elementos presentes na mesclagem conceptual.



## REFERÊNCIAS

- ATTARDO, S. The Role of Affordances at the Semantics/Pragmatics Boundary. In: BARA, G. B., BARSALOU, L.; BUCCIARELLI, M. (eds.) *Proceedings of the CogSci 2005. XXVII Annual Conference of the Cognitive Science Society*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005. 169-174.
- CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COULSON, S. *Semantic leaps: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction*. Cambridge University Press, 2001.
- COULSON, S; FAUCONNIER, G. Fake guns and stone lions: conceptual blending and privative adjectives. In: B. Fox, D. Jurafsky, & L. Michaelis (Eds.). *Cognition and Function in Language*. Palo Alto, CA: CSLI, 1999.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge University Press, 1985.
- FAUCONNIER, G; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FAUCONNIER, G; TURNER, M. Conceptual integration networks (Mental spaces). In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- GIBSON, J.J. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1986 [1979].
- KAMP, J.A.W. Two theories about adjectives. In: Keenan, E. L. *Formal semantics of natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L.; PEMBERTON, G. M. N. . Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores? In: Maria Bernadete M. Abaurre; Angela C. S. Rodrigues. (Org. ). *Gramática do Português Falado: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, v. VIII, p. 317-344.
- SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. In: Gisela Redeker and Theo Janssen (eds.). *Cognitive Linguistics: Foundations, Scope and Methodology*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 129-162, 1999.

## CONSIDERATIONS ABOUT PRIVATIVE ADJECTIVAL MODIFICATION IN PORTUGUESE

**Abstract:** *It is the aim of this article to present some reflections on the privative modified constructions in Portuguese, from Lakoff's approach (1987) on affordances, the issues presented by Lakoff and Johnson (2002) about the interactional properties of objects and other studies that collaborate to design this phenomenon as originating in basic processes of categorization.*

**Key-words:** *Privative adjective; Affordance; Conceptual blending.*